



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

BOM GOSTO



Novos ricos. Na praia:

— Que linda paisagem, ó Tareza!

— Isso é que ela é! Havemos de vir para aqui veranear para o inverno, valeu?



PALESTRA AMENA

O paleio

Sim; lá dizia o velho professor de retórica que «o homem não podia receber melhor dote da mão do Criador do que a faculdade de falar» e que «a verdadeira eloquência ganha para si louvor e estimação, mantém o Estado e é o doce amparo da humanidade.»

Tinha uma certa razão o velhote, mas é preciso interpretar as suas palavras no seu real significado e não as lêr desatentamente. «A faculdade de falar» é preciosa, sem duvida, mas falar é traduzir o pensamento pelas palavras próprias, nem a mais nem a menos. Tal faculdade presupõe, ao que se vê, que no cérebro humano brotou um pensamento; ora, que observamos por aí e em especial no Parlamento? Que as palavras se dizem sem que correspondam á menor idéa e que para uma idéa — que, segundo os preceitos logicos — exigia, para ser traduzida, um unico termo, se emprega uma catadupa de palavras, cujo efeito a maior parte das vezes é precisamente o tornar obscura a idéa em lugar de a aclarar.

Quanto á eloquência, a que se refere o citado mestre, lá diz ele que a que mantém o Estado, etc. é a «verdadeira» eloquência. E a que ouvem, em geral, é a verdadeira, a artistica, a que tem a elevação e nobreza, a que educa e leva os povos á pratica do bem, ou é a falsa, a eloquência balofa, especie de fogo de vistas complicado por luminosas pirofecnias, que brilha um momento e não deixa, ao extinguir-se, senão fumo e cheiro incomodativo?

Ah! senhores oradores de hoje em dia! Como vos enganais na vossa vaidade, quando vos embriagais com os vossos discursos, quando vos julgais

Estevãos ou Vieiras, porque a frase vos acode pronta, porque durante horas palrais sem gaguejar, sem uma hesitação! O que exerceis não é eloquência, não: é paleio, é palafório, são bacharellicês, balelas, inutilidades — é nada! Sois aplaudidos, é certo, a galeria quasi sempre vos admira, mas da leitura meditada do que dissestes fica a convicção de que a vossa peça oratoria foi como que uma cabaça oca ou um fruto volumoso mas chôcho, que, exprimido, não deita uma gota de succo.

Que intrujões! que pantomineiros!

J. Neutral.

"El pesetero"

Ele aí está, vindo das bandas de Badajoz, com 10 pessoas de familia, 6 criadas, 60 «vultos», em carruagem de 1.ª classe, em direitura á Figueira da Foz — gastando com tudo aquilo umas cem «pesetas», que equivalem a muitos cen-



tos de mil reis, do Guadiana para cá. Bemvindo seja «el pesetero», que dá quinhentos mil reis pelo aluguer d'um mês de casas na praia, porque essa quantia corresponde a 5 ou 6 «pesetillas», que compra todo o peixe que lhe passa á porta, porque cada linguado lhe custa «uma perra chica», que deixa em Por-

tugal uma fortuna em papel e quasi sempre leva para Espanha tres ou quatro fortunas em «duros», porque em geral acumula: é tambem «cronprier».

Ora, o que será bom, é que não vá depois lá para a terra dizer mal de nós, que tão de braços abertos o recebemos e se convença de que aqui está em paiz amigo. Olé! Olé!

Jantar de despedida

Aqueles é que a souberam toda, Os ministros do gabinete Antonio Maria da Silva, fecharam a sua gloriosa



passagem pelo poder — os 28 dias de Clarinha — com um jantar de confraternização, em que trocaram afectuosissimos brindes, que a reportagem não reproduziu mas que deviam ser assim, pouco mais ou menos:

— Bebo á nossa liberdade!

— Pela alegria de nos vermos livres d'esta espiga! Etc.

De futuro parece que os ministros, por despedida, irão ao chá-tango do Jardim Zoologico e dançarão uns com os outros, em sinal de jubilo. Fica, mais barato do que o jantar, é moda e não menos significativo.

"Ne vouloir être rien..."

Damos hoje a melhor tradução das 53 que nos enviaram, dos versos «Ne vouloir être rien...», da baroneza Fanchoux, publicados no n.º 1175 do «Seculo Comico». Um júri competentissimo, de poetas que apresentaram certidão de exame de instrução primaria, resolverem conceder a primasia á tradu-

ção de «Amadis de Gaula», que não sabemos quem seja e que deve apresentar-se n'esta redacção até o dia 15 do corrente, se quizer ter a honra de ser caricaturado.

O referido júri, com uma generosidade que lhe fica muito bem, resolveu mais considerar dignas de menção as

traduções de «Um tradicionalista», Alberto Camara», «Alipio Rama», «Femina», «Um que não quer caricatura», «Gnomo», «Alceu», «Alexandrino Barata», «José Pasqual» e «Luís Lopes».

Acompanhamos a tradução do respectivo original, para se ver que não houve batota.

Não desejar ser nada

*N'être rien qu'une femme aux yeux pleins de douceur,
Garde ainsi qu'un ciel clair où l'alaouette passe,
Simple, ten're, pareille au baiser d'une sœur,
Grave comme la nuit quand elle emplit l'espace;*

*Former de ses deux bras des berceaux aux bonheurs,
De sa voix apaiser la souffrance trop lasse,
Chanter l'hymne à la vie au bord même des pleurs,
Poser le beau courage en fierté sur sa face,*

*En sa poitrine ardente enfermer les soleils
Des frémissants desirs, des chauds espoirs vermeils,
Les infinis d'amour dont peut se griser l'âme,*

*Et croiser doucement ses mains frêles d'enfant
Au foyer qui s'éclaire à ce cœur triomphant:
Ne vouloir être rien, n'être rien qu'une femme,*

*Ser somente mulher, de olhar todo doçura,
Riso d'um claro ceu onde a calhandra passa,
Ter d'um beijo de irmã a candida ternura,
Da noite a placidez, quando a amplidão abraça;*

*De seus braços fazer o berço da ventura,
Consolar n'uma fãta a asperrima desgraça,
Cantar um hino á vida, á beira da amargura,
Ter no rosto a altivez d'uma animosa graça;*

*Conter no peito em chama o sol incandescente
Do tremulo aesejo ou rubro aneio ardente,
Amor sem fim, que atrai a alma inebriada,*

*Frageis mãos infantis cruzar em gesto airoso
No lar em que dá luz seu coração glorioso,
Ser somente mulher, não desejar ser nada...*

AMADIS DE GAULA.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Adurada Zefa du mê curassão.

Purmetite dar nutisias das ultemas revistas de anus que ce tem arreper-sintado mas isculpa nan comprir a purmeça pur mutivo de que nan istou pra ter ninhum doello ce dixer alguma coisa que nan calhe bem na inpenião dos ótores. Agora á cá esta acis-tema de cando uma peçoã dis mal das pessas mandamle dois padrinhos ó lá que dianhos é i a jente tem de dezer que nan quiz ufender ninguem. Inma-gua eu asistema era tamem ceguido pelas peçoas a quem us revisteros fa-zem refrencias desagradavles i istás a vêr cacabavam as revistas; pur in-zemplo ço Jusé Maria Sevilha ce alin-brace de mandar us padrinhos a quem in cena le xamou burro! Que eu cá pur mim já çabes u que penço disto de doellos: ce algum me desaffiar batome á manêra lá de P ras Ruivas que é cum um marameleiro que inté faz fu-mo pra riba da pinha du praseiro.

Mas plo cim plo não fica cumbinado uma coisa entre nós ambos i dois i é en fallar ás veças, isto é, cando en quixer dezer branco dezer preto i viso-verço. Açin já çabes cando dixer cuma pessa é muito vóa quero dezer que é burraxeira i açin çucesivelmente.

Com isto nan te infado mais i mandu-to muitas curassões i a tonda a noça familia i a quem pur mim préguntar. Ten isposo cempre fixe i democratico.

Jerolmo,

Emprezario do Paullteamã
de Peras Rulvas.

Erro ?

Esta agora é melhor.

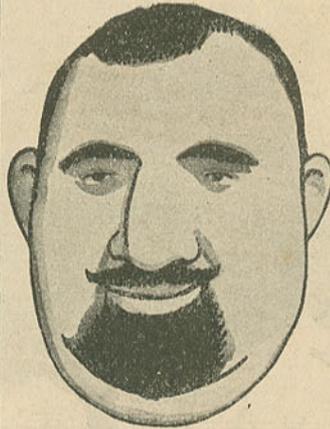
Eservevo-nos o pai d'um menino, que ha tempos foi fazer exame primario e está em vespuras de prestar novas pro-



vas de capacidade escolar, perguntan-do se quem escreve «a i agua» comete um erro...

Foi o caso que o pequeno foi exami-nado por um juri, cujo presidente era beirão. Ora o dito presidente ao lêr o trecho que os pequenos deviam escre-ver para apreciação caligrafica e orto-grafica, pronunciou «a agua» á moda

EM FOCO



Reto Xeriva

Antonio Granjo

Hoje que o ministerio tem cabeça,
Não sei se por um dia ou mais dum dia,
Apresso-me a fazer-lhe esta poesia,
Na previsão, emfim, do que aconteça.

Quem sabe se apesar de tanta pressa,
Por uma qualquer trica ou fantasia,
Quando eu chegar ao fecho, na agonia
Ele já não se encontra e desapareça?

O que eu não sei é como o Presidente
Suporta o disparate d'esta moda,
De chamar a ministro toda a gente!

Deve ser um trabalho que incomoda
Estar a apregoar constantemente;
— A taluda! A'manhã é que anda a roda!

BELMIRO.

Logares selectos

Continuamos a transcrever do grande
João de Deus :

Uma vez uma besta do tesouro,
Uma besta fiscal,
Ia de volta para a capital,
Carregada de cobre, prata e ouro;
E no caminho
Encontra-se com outra carregada
De cevada,
Que ia para o moinho.

Passa-lhe logo adeante
Largo espaço,
Coleando arrogante
E a cada passo
Repicando a choquinha
Que se ouvia adeante,

Mas salta uma quadrilha
De ladrões,
Como leões.
E qual mais presto
Se lhe agarrava ao cabresto.

Ela reguinga, dá uma sacada,
Já cuidando
Que desfazia o bando;
Mas, coitada!

Foi tanta a bordoadã,
Ah! que exclamava emfim
A besta official,
— Nunca imaginei tal!
Tratada assim
Uma besta real!...

Mas aquela que vinha atraz de mim
Porque a não tratais mal?

«Minha amiga, cá vou no meu socego,
Tu tens um belo emprego!
Tu sustentas-te a fava e eu a droços i
Tu lá serves el-rei e eu um moleiro!
Eu acarreto grão e tu dinheiro!
«Ossos do offico», que o não ha sem
ossos!

da terra de ele — «a i agua» e vai o p-queno, filho da pessoa que nos escreve, reproduzin na escrita «a i agua», o que foi considerado um erro, pelo juri.

Só lhe dizemos que se fossemos o pai do petiz quem apanhava uma boa sova eram os membros do juri. Ha ca da animalejo por esse paiz fóra!

Roubos em caminhos de ferro

O caso passou-se do modo seguinte: ha dias, n'uma estação qualquer da linha ferrea, um cidadão despachou um boi. Quando o comboio chegou ao «terminus» procurou-se na janla respectiva e tal bicho não appareceu; percorrida a linha e logares marginaes, o animal tambem não foi encontrado, do que se deduzia, e muito bem, que o boi fóra roubado, isto é, que um atrevidissimo gatuno tinha entrado no comboio em andamento, metera o animal na algibeira, saltara com ele á linha e se puzera a bom recato.

E a policia? Ora! Vá lá agora a policia descobrir um homem com um boi na algibeira ou debaixo do braço, como se a toda a hora não andassem af individuos com tal contrapezo!

A' ultima hora chega-nos a noticia de que desapareceu um comboio, que partiu da estação do Rocio ante-hontem, com destino ao Porto. Já se averiguou que foi roubado, mas d'esta vez não acreditamos que o rapinante fosse um só; por muito alentada que uma pessoa seja é impossivel que possa com uma locomotiva, «tender», carruagens, etc., etc. Por mais que nos digam, no assalto não entraram menos de tres pessoas, pelo que é provavel que d'esta vez a policia venha a descobrir qualquer coisa — não falando nos passageiros, que, mais dia menos dia hão-de dar com a lingua nos dentes.

AS BICHAS



- Que estás tu aqui a fazer?
- Estou na bicha do açúcar.
- Mas aí não é loja nenhuma...
- Não, mas foi para lá um sujeito que dizem que é diabético...